

Marshall McLuhan, *o Meio e a Mensagem*

Pedro Luiz de O. Costa Bisneto
12/03/2008

Sumário:

<i>McLuhan, o meio e a mensagem</i>	2
<i>Considerações Finais</i>	7
<i>Bibliografia</i>	8

McLuhan, o meio e a mensagem

O presente ensaio teórico aborda a clássica obra do famoso teórico canadense da comunicação Marshall McLuhan “Os meios de comunicação como extensões do homem” – em sua terceira edição em inglês de 1964 – na qual, logo na introdução o autor comenta sobre sua fórmula: “‘O meio é a mensagem’ significa, em termos da era eletrônica, que já se criou um ambiente totalmente novo. O ‘conteúdo’ deste novo ambiente é o velho ambiente mecanizado da era industrial. O novo ambiente está reprocessando o cinema. Pois o conteúdo da TV é o cinema” (1964, 11). Uma reflexão sobre o fato de a TV reprocessar o cinema, as diversas outras mídias que reprocessam suas predecessoras e também reprocessam as demais mídias com que interagem, nos remete ao fato da Internet igualmente reprocessar a TV e as demais mídias, e se pode relacionar com ambas as teorias de dois outros filósofos estudiosos das novas mídias, o francês Jean Baudrillard e o franco-canadense Pierre Lévy. É fácil compreender que a Internet, tão quanto expande o meio, absorve os elementos do *mainstream media*, encontramos na rede tanto os velhos jornais impressos reproduzidos digitalmente quanto as novas iniciativas peculiares do webjornalismo, que estão reprocessando o tradicional jornalismo. Lévy enfatiza esse aspecto quando aborda a superioridade do hipertexto sobre o texto convencional, do suporte dinâmico em relação ao suporte estático, da desterritorialização do texto e da desintermediação do jornalista. Exemplos atuais de novas práticas jornalísticas via Internet nos mostram isto por suas peculiares denominações, siglas e conceitos: *blog*, *podcast*, *RSS* e *TV peer to peer*¹, para citar apenas alguns exemplos básicos, fórmulas que reprocessam o texto jornalístico, o áudio e a própria TV respectivamente. O texto jornalístico que utiliza a palavra escrita, o áudio que é o elemento fundamental do Rádio e a TV que adiciona a imagem, esta última, por sua vez é uma característica do Cinema, todos esses elementos agora são reprocessados pela Internet, pois, revela a fórmula de McLuhan, é uma característica da evolução dos meios: “Toda tecnologia nova cria um ambiente que é logo considerado corrupto e degradante. Todavia o novo transforma o seu predecessor em forma de arte” (1964, 12).

A palavra reprocessar pode nos levar a duas interpretações, a primeira delas a que comentamos acima, e a segunda o fato dessa palavra também significar *o que já foi processado*, remodelando-o ao novo meio, a mesma mensagem replicada em novos meios. Afinal, a mensagem busca o seu formato de acordo com o meio, conforme entendemos pela fórmula de McLuhan, mas na construção de sua peculiar forma de passar a mensagem, cada meio que surge é suportado e fortifica os demais meios existentes: “O ‘conteúdo’ de um meio é como a ‘bola’ de carne que assaltante leva consigo para distrair o cão de guarda da mente. O efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu ‘conteúdo’ é um outro meio” (1964, 33), nenhum meio também existe sem depender do outro: “(...) nenhum meio tem sua existência ou significado por si só, estando na dependência na constante inter-relação com os outros meios” (1964, 42). Assim, grande parte do conteúdo da Internet é o conteúdo de outros meios conforme exemplificamos, ou

¹ *Podcast* é uma ferramenta que permite compartilhar arquivos de áudio pela Internet muito usada por sites de notícias, webrádios e blogs. *RSS* é uma ferramenta que permite buscar notícias de vários sites que disponibilizam esse serviço, *sob demanda* e atualizadas em tempo-real. *TV peer to peer* é uma forma de se fazer televisão compartilhada pela Internet.

seja, a Internet é também o jornal, o rádio e a TV. Dessa forma, todo aquele mundo hiper-real vinculado ao *mainstream media* denunciado por também faz parte do conteúdo da Internet, esta, então, os está reprocessando e, dadas as características interativas do novo meio, está replicando os simulacros que já existiam no mundo midiático da TV e dos outros meios, dando-os nova forma e fortificando-os. Dessa forma, conclui-se que a Internet é, no mínimo, *mais uma* mídia que replica antigos simulacros.

Uma citação ainda no prefácio de sua famosa obra, McLuhan nos fala das extensões do homem, a mídia como extensão comunicacional com seus diversos meios, trecho que dá pistas de que, tanto a inteligência coletiva – defendida por Lévy como a expressão peculiar do meio comunicacional formado pela Internet – quanto o hiper-real denunciado por Baudrillard, são fatores que estarão presentes no mundo da tecnologia elétrica, ainda mais quando pensamos na informação que além da velocidade e instantaneidade proporcionada pela luz, agora é também binária, ou seja, intermediada por um suporte universal, uma linguagem-chave que carrega conversão e tradução para todas as outras linguagens – quase como uma predileção do filósofo canadense:

“Estamos nos aproximando da fase final das extensões do homem: a simulação tecnológica da consciência, pela qual o processo criativo do conhecimento se estenderá coletiva e corporativamente a toda a sociedade humana, tal como já se fez com nossos sentidos e nossos nervos através dos diversos meios e veículos. Se a projeção da consciência – já antiga aspiração dos anunciantes para produtos específicos – será ou não uma ‘boa coisa’, é uma questão aberta às mais variadas soluções” (1964, 17).

A simulação tecnológica da consciência, que se multiplica com as características tecnológicas da Internet e das redes digitais, trata-se de um elemento que Baudrillard critica como sendo um dos fatores fundamentais para a criação de simulacros, um fator que, pelas palavras de McLuhan, compõe a grande aspiração dos anunciantes, dos publicitários que criam o mundo hiper-real da sociedade de consumo capitalista através da mídia. Em contrapartida, McLuhan fala que o processo criativo do conhecimento se expandirá coletivamente, tanto para as corporações quanto para a sociedade e seus indivíduos. Ora, essa nova consciência coletiva nada mais é do que uma referência direta à inteligência coletiva que emerge com a Internet e os diversos novos meios eletrônicos conforme aborda Lévy. *Business Intelligence*, por exemplo, é um conceito corporativo tecnológico que está modificando a forma das corporações trabalharem, buscando o foco de atuação naquilo que a empresa tem de melhor², uma forma de expressão da inteligência coletiva, a coletividade elétrica e binária, no mundo empresarial. A cibercultura é a expressão da sociedade com seus indivíduos conectados frente à inteligência coletiva que advém das novas mídias digitais interativas eletro-binárias. Como vimos, a citação de McLuhan mostra que já estamos vivendo a atualidade da fase final das extensões do homem, na qual as expressões da inteligência coletiva e dos simulacros estão presentes e abertas a soluções.

No primeiro capítulo da obra de McLuhan, intitulado não por acaso de “O meio é a mensagem”, obtemos uma explicação do que significa sua fórmula por meio de suas próprias

² O que pode ser a chave para a criação de “corporações ocas”, como nos mostra a pesquisadora Naomi Klein em seus estudos sobre marcas corporativas: “Marcas Globais e o Poder Corporativo” in MORAES: 2003, 173-186.

palavras. A citação da fórmula aparece logo na primeira frase do capítulo: “Numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilhaçar as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes, de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem” (1964, 21). Mas, enfim, qual é esse efeito prático? Em relação à Internet e os demais meios, qual seria esse efeito? Mais crítico aos novos meios, Baudrillard expõe que a Internet *implode* com todos os meios, levando ao fim da comunicação, ao fim do significado, a um mundo em que teremos o predomínio de simulacros. McLuhan ratifica a fala de Baudrillard quando revela que: “A aceleração da velocidade da forma mecânica para a forma elétrica instantânea faz reverter a explosão em implosão³” (1964, 53). Essa implosão também ganha relevância quando McLuhan comenta sobre a fragmentação dos meios: “A reestruturação da associação e do trabalho humanos foi moldada pela técnica de fragmentação, que constitui a essência tecnológica da máquina” (1964, 21). Os novos meios eletrônicos, baseados em máquinas computacionais, implodem os demais meios levando-os à fragmentação, eles precisam buscar as suas peculiares formas de passar a mensagem, deixando de se alimentar apenas dos outros meios, buscando o que seria a sua “arte”, conforme dito pelo autor em passagem anterior. Simultaneamente, a binarização que advém da Internet e dos novos meios eletrônicos absorve completamente a mensagem tradicional e a reprocessa, ou seja, a Internet transmite as mensagens que eram do jornal, do rádio e da TV com novas características próprias do novo meio. Nesse caso, a implosão da comunicação questionada por Baudrillard estaria relacionada ao fato das velhas mídias se modificarem em função da Internet, e, esta, por sua vez, com características de interatividade e coletividade, em uma mídia que expressa a inteligência coletiva, a *universalidade*, como bem colocam tanto McLuhan quanto Lévy (para este último a universalidade é a própria *mensagem do meio* Internet). Características que aumentam ainda mais as extensões comunicacionais do homem e, ainda, sendo essa coletividade uma maneira de aproximar o homem à projeção de sua consciência, utilizando-se inclusive de simulações tecnológicas para universalizá-la, criam um cenário comunicacional ideal para propagação do simulacro dentro da inteligência coletiva proporcionada pelo meio. Além da expansão comunicacional através da inteligência coletiva, teremos a expansão dos simulacros, os simulacros da mídia, dos indivíduos, das corporações e, por fim, o simulacro coletivo, a universalização do simulacro. Poderia ser este, então, o fim da comunicação como profetiza Baudrillard, o colapso total da mensagem, sendo a Internet assim, o “meio do colapso”? Enquanto a Internet fragmenta as demais mídias, recria a própria mídia a partir desses fragmentos e projeta-os dentro do universal. Mas, como vimos, McLuhan sugere que este ainda é um campo aberto a soluções (o que podemos entender como *inovações*) tanto à coletividade e ao hiper-real, quanto ao imprevisível. De qualquer forma, o raciocínio acima nos remete ao fato de ambas as interpretações da fórmula de McLuhan, seja por Lévy ou Baudrillard, carregarem cada uma o seu prisma particularizado conforme a visão do objeto focado por cada qual, apesar de algumas discrepâncias, em linhas gerais, conclui-se que as duas estão corretas. Podemos dizer que a fórmula de McLuhan é um ponto comum de ambas, não somente para embasá-las, também para correlacionar e demonstrar como coexistem no mundo eletro-binário o qual nos revela o canadense.

³ Um meio novo que se expande, aumentando as extensões do homem, acaba levando os meios antigos à implosão, não buscamos mais o todo por isso agora quem o faz é o novo meio, passando então a olhar para si mesmos, crescendo para dentro, como um processo de fissão nuclear acarretando uma implosão que fragmenta ainda mais o núcleo e se irradia para a periferia na qual está o novo meio.

Em mais uma passagem de sua obra, McLuhan desvenda parte de sua fórmula: “O meio é a mensagem’, porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas” (1964, 23). Revelada, a fórmula passa a guiar toda a pesquisa em relação aos meios comunicacionais e os estudos do impacto social de cada um, em suma, é uma chave que abre a porta para os estudos no amplo mundo da comunicação. Conforme aponta uma estudiosa do autor, a socióloga portuguesa Olga Pombo:

“Partindo desta tese central⁴, McLuhan vai desencadear uma **dupla operação**: 1) estudar a evolução dos meios comunicativos usados pelos homens ao longo da sua História e, 2) identificar as características específicas de cada um desses diferentes meios de comunicação. São estes dois vectores de investigação que estão na raiz das suas **duas obras fundamentais**, a saber: Understanding Media, de 1964, na qual procura determinar as propriedades diferenciadoras de cada um dos meios de comunicação e The Gutenberg Galaxy de 1962 – a sua obra mais importante – na qual procede à análise da evolução mediática, a seu ver determinante das transformações da cultura humana” (POMBO: 1994, 41).

A importância do meio, como entendemos, está no fato deste configurar a mensagem que emite, dessa forma, o impacto e a abrangência da mensagem sobre os receptores dependerá do meio utilizado – uma forma de medir a importância de cada meio, seria relacioná-lo com custo publicitário que ele carrega, poderia dizer Baudrillard, ao equacionarmos suas teorias do hiper-real e estudos do mundo publicitário⁵ – o meio configura a mensagem entre emissores e receptores, como intermediadores de ações e associações do homem. Sendo assim, percebemos que as características da Internet ampliam radicalmente essa extensão comunicativa do homem, permitindo novas associações que irão gerar, e já o fazem em diferentes graus, novas ações. Essas novas ações que se refletem como nova cultura midiática, a cibercultura, e também pela extensão de velhas culturas da mídia que tangem a esfera do tradicional *mainstream media*: o Jornal, o Rádio e a TV com o incremento do hiper-realismo que delas advém e já se fazem presentes nas novas mídias.

Outra referência de McLuhan à sua própria fórmula, a relaciona com o movimento cubista. Segundo o autor, é o movimento artístico cubista que delata a existência de sua fórmula:

“Ao propiciar a apreensão total instantânea, o cubismo como que de repente anunciou que *o meio é a mensagem*. Não se torna, pois, evidente que, a partir do momento que o seqüencial cede ao simultâneo, ingressamos no mundo da estrutura e da configuração? (...) Os segmentos especializados da atenção deslocaram-se para o campo total e é por isso que agora podemos dizer, da maneira a mais natural possível: ‘O meio é a mensagem’” (1964, 27).

Além de delatar o cubismo como uma expressão artística que possui as características dos novos meios digitais interativos, a passagem acima também delata os embasamentos das teorias de Lévy. Nesta passagem, McLuhan fala da substituição do seqüencial pelo simultâneo e do deslocamento das atenções para o total, elementos que embasam o *universal sem totalidade*, um dos conceitos-chave das teorias de Lévy em relação à Internet que aparecem na associação de McLuhan

⁴ “O meio é a mensagem”.

⁵ Estudo intitulado “A publicidade” in BAUDRILLARD: 2000, 173-191.

entre sua fórmula e o cubismo. Neste caso, a Internet seria uma expressão midiática, na forma de um novo meio, correspondente ao mundo da *estrutura e da configuração* e, justamente por sua estrutura comunicacional permitir a comunicação universal sob diferentes configurações, vai permitir o deslocamento da atenção de seus usuários para o todo, todo que corresponde ao universal não-total estudado por Lévy. O universal não totalitário seria o conceito que libertaria o mundo comunicacional da rigidez dos antigos meios, criando assim uma alternativa para o mundo hiper-real denunciado por Baudrillard e atribuído às velhas mídias por Lévy. Porém, não podemos abrir mão do fato dos novos meios se apropriarem das características dos velhos meios como já refletimos, e a ênfase que o próprio McLuhan dá ao fato das novas configurações midiáticas estarem abertas tanto às novas expressões da coletividade, quanto às novas possibilidades de exploração desse novo mundo universalizado pelas velhas fórmulas do “antigo” mundo midiático (que não é totalmente antigo, pois ainda coexiste com o novo), o que inclui o hiper-real e seus simulacros.

A instantaneidade e simultaneidade mencionadas por McLuhan são fatores que remetem à mídia do “mundo elétrico” apontado pelo autor, no qual a comunicação, ao eletrificar-se, ganha as características de velocidade da própria luz, refere-se a toda era contemporânea da comunicação, período em que esta é mediada também por diversos aparatos eletrificados – os eletrodomésticos⁶ – o rádio e a TV em conjunto com várias tecnologias eletrônicas que abrangem comunicação via satélite e as redes computacionais, carregando mensagens de forma instantânea e simultânea entre as quais, identifica Baudrillard, jaz o instrumento de massificação dos simulacros. A instantaneidade e a simultaneidade relacionadas à fórmula de McLuhan são características da comunicação que ganhou força a partir da era da radiotransmissão, que perduram e se amplificam, agora com uma capacidade maior de conectividade, se fortificando através das redes inteligentes de comunicação e quebrando sua sequencialidade⁷, a característica própria da rigidez dos antigos meios agora implodida. Esse novo meio é quem ditará as novas expressões e as novas mensagens com todas as características midiáticas que possui, englobando, inclusive, as características que pertencem às mídias tradicionais.

⁶ À venda naquele hiper-mercado aglomerado como revela Baudrillard.

⁷ Um obstáculo à comunicação, e ao simulacro também.

Considerações Finais

Neste ensaio teórico, vimos que as visões de Pierre Lévy e Jean Baudrillard relativas à Internet são completamente antagônicas, apesar disso, uma coisa fica clara: o impacto da Internet sobre a sociedade e sobre as mídias tradicionais é um fato, seja como o veículo vetor do hiper-real, seja como um canal que leva a novas iniciativas interativas, um novo palco de inteligência coletiva. De qualquer forma, a Internet amplia a capacidade comunicacional do homem, como evidencia os estudos de McLuhan, de forma que aumenta também sua capacidade em utilizá-la como meio propagador de simulacros. Aumentando a capacidade de conectar os homens e trazendo uma série de funções interativas, a Internet também amplia a capacidade de transmitir informações e conhecimentos, com suas conexões interativas servindo de suporte para uma capacidade maior de inteligência humana, a inteligência coletiva.

A análise preliminar da fórmula de McLuhan “o meio é a mensagem” revela que ambas as teorias e diferentes ponderações se encaixam com os estudos do filósofo canadense, sua fórmula é peça chave tanto para compreendermos as novas iniciativas que surgem no ciberespaço – a inteligência coletiva e a cibercultura – quanto o hiper-real.

Bibliografia

BAUDRILLARD, J. *O sistema de objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'água, 1997.

BAUDRILLARD, J. *Tela total*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem – (Understanding media)*. Tradução: Décio Pignatari. São Paulo. Editora Cultrix, 1964.

POMBO, Olga. *O meio é a mensagem* in *1º Caderno de História e Filosofia da Educação*, (pp. 40-50). Lisboa: Ed. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências de Lisboa, 1994.

MORAES, Dênis de (org). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.